

PREFÁCIO

Quando ouvimos alguém se referindo ao outro como um sofista já temos logo a ideia do que o outro está sendo acusado, sim, acusado. Trata-se de uma pessoa com um discurso bonito, mas sem verdade, e na pomposidade de sua fala se esconde seu verdadeiro interesse: persuadir o seu interlocutor pela força de sua argumentação. O sofista nos aparece, assim, de imediato, como um tipo suspeito, suspeito de querer modificar a realidade a fim de que ela nos apareça conforme seus propósitos manipuladores. Por isso mesmo, hoje em dia, identificamos os sofistas com profissionais da palavra e da persuasão, tais como lobistas, marqueteiros e advogados, sem divisarmos nada de positivo em suas atividades enquanto tais. Parecem-nos profissionais extremamente habilidosos, que podem ser úteis, mas que também sabem ser perigosos e inescrupulosos.

A pergunta que nos fazemos é: será que sempre foi assim? Será que os antigos pensadores da Antiguidade, conhecidos como sofistas, tinham de fato esta intenção? Se levarmos em consideração alguns dos testemunhos que nos chegaram, sobretudo através do pensamento de Platão, teremos uma certeza: os sofistas foram inimigos da “filosofia”, daquele pensamento que pretendia colocar-se em busca de valores universais, em busca da verdade absoluta. Aquela verdade maior, única, incorruptível, sempre verdadeira em qualquer tempo e lugar, independente da vontade humana. Neste contexto, os sofistas foram opositores desta busca, pois, na visão platônica, não se importavam com a verdade, só queriam convencer o outro a respeito de sua visão. Logo ganharam fama de mercenários, de alimentar a troca de nada – ou melhor, de muitos trocados – a erística, a disputa pela palavra. Mas disputa é coisa mesmo de grego antigo, sociedade que se notabilizou por ser agonística. Vemos bem essa marca característica expressa nas

competições esportivas, nos festivais de poesia e de tragédia e por que não também dizer no âmbito do pensamento “filosófico”? Os sofistas e Platão travaram uma grande disputa através dos seus pensamentos e argumentos em defesa daquilo que acreditavam.

A atuação dos sofistas alcança seu apogeu justamente naquele momento de maior efervescência cultural, econômica, política e intelectual que a Grécia viveu por volta do século V a.C., sobretudo em uma cidade em especial, Atenas. Era para lá que boa parte dos sofistas se dirigia. Considerados então educadores, os sofistas iam para ensinar a arte da palavra aos jovens cidadãos que iniciavam sua vida de participação política na cidade, tarefa de extrema importância em uma sociedade na qual a participação na ágora para exposição e defesa de seus pontos de vista se fazia uma exigência para todo cidadão. Como não buscavam exatamente o mesmo que Sócrates e Platão, foram acusados de relativistas, de não se importarem com a verdade, de quererem somente “vencer” nas disputas através da palavra, de não terem pensamento próprio. De uma maneira geral, é essa a ideia que temos dos sofistas. Os sofistas pertencem a um contexto democrático, no qual o uso da palavra se confunde com o exercício do poder. De modo geral, as desconfiças que nutrimos em relação aos sofistas são as mesmas que também alimentamos em relação ao regime democrático. Por vezes, ainda hoje, ouvimos discursos que pretendem combater a democracia apelando para a suposta presença da manipulação e da desordem nesse regime. Por outro lado, o apreço à democracia não deveria levar-nos de volta aos sofistas, a fim de reavaliar a sua atividade? Afinal, não seria melhor se aprendêssemos a viver em um mundo sem verdades absolutas e hierarquias definidas de uma vez por todas?

Mas, voltamos a perguntar: será que era esta a imagem que o grego antigo tinha dos sofistas? É inegável a fama de muito deles, percorrendo cidades e fazendo com que as pessoas se deslocassem ao seu encontro. Era assim com, por exemplo, Protágoras ou Górgias. Suas falas eram divinas, encantadoras, o poder do pensamento era assustador, revelador da fragilidade dos valores e da verdade que vários pensavam possuir. Revelavam um homem frágil, mas, ao mesmo tempo, potente, único, capaz de ser a medida no universo da *pólis* com todos os seus interesses.

Foi justamente movidos por uma atenção renovada ao pensamento dos sofistas e com o objetivo de fazer vir à tona um outro olhar em relação a esses pensadores que organizamos, em setembro de 2016, o II Simpósio de Filosofia Antiga da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

O que vimos durante os dois dias de simpósio é que a ideia geral que temos dos sofistas é fruto de uma visão de mundo, de verdade e de homem profundamente enraizada na filosofia platônica, mas que já não mais podemos considerar como a “verdade” sobre os sofistas. Vimos florescer o pensamento extremamente rico e diversificado destes pensadores que estavam sim preocupados com a verdade. Ou melhor, com as verdades. O que não podemos perder de vista é que na Antiguidade grega ser feliz é sobretudo ser feliz na cidade, como cidadão, defendendo aquilo que se acredita melhor para sua cidade. E era exatamente isso que faziam os sofistas, estavam muito distantes de qualquer charlatanismo ou possibilidade de defender qualquer coisa, eles somente tinham uma visão diferente em relação ao mundo, à verdade e ao homem. Foi assim que vimos resgatada toda a filosofia, sim, a filosofia dos sofistas.

Pouco abordado nos cursos de filosofia, o pensamento dos sofistas é um amplo terreno a ser explorado, isto não só pela escassa bibliografia em nossa língua, mas também porque, como vemos nos textos aqui presentes, temos a possibilidade de entrar em contato com este pensamento através de uma grande diversidade de olhares. É assim que esperamos que, com esta publicação, possamos trazer à luz para o leitor a filosofia dos sofistas com o intuito que se descubra a riqueza de seu pensamento e que deixemos de lado uma interpretação pré-estabelecida em relação a estes pensadores, para que possamos nos abrir para o seu pensamento naquilo que tem de mais significativo, valioso e genuíno.

Não podemos deixar de agradecer ao Programa de pós-graduação em filosofia da UFRRJ, pelo apoio ao evento, e à Faperj, que através do apoio emergencial aos programas de pós-graduação, possibilitou não só a vinda de vários dos participantes para o evento bem como esta publicação.

Cristiane A. de Azevedo
Francisco Moraes

OS SOFISTAS COMO PRÉ-SOCRÁTICOS

Luís Felipe Bellintani Ribeiro

A alcunha “pré-socráticos”, aplicada a uma pluralidade deveras complexa de pensadores, é evidentemente artificial, embora não seja também meramente arbitrária, e pertence ao jogo típico da ciência de deitar seus objetos fugidios no leito de Procrusto do conceito. Os primeiros filósofos da história a fazer um esboço de história da filosofia, Platão e Aristóteles, já pressentiam tanto a unidade daquela mixórdia formada pelos hoje chamados preferencialmente *early greek philosophers*, quanto a imparidade da figura de Sócrates, que acabou por servir de divisor de águas para o canônico título em questão, proposto por Hermann Diels na passagem do século XIX para o XX.

No *Fédon* (95e7-99c8), a personagem Sócrates fala daqueles que, em bloco, praticavam uma tal de “investigação acerca da natureza” (*perì phýseos historían*), cuja temática também se deixava resumir em unidade: “a causa da geração e da corrupção de todas as coisas” (*perì genéseos kai phthorás tèn aitían*). E, embora a famosa “segunda navegação” (o *deúteron ploûn* vai de 99c8 a 102a1) proposta à guisa de alternativa à insuficiência do primeiro tipo de filosofia seja já o próprio Platão falando sob sua máscara mais recorrente, a de Sócrates, está dado o esquema binário de um “antes e depois”. E a assimilação da filosofia do mestre à do discípulo, no caso, não é certamente disparatada.

No *Sofista* (242c4-243a4), cabe ao Estrangeiro de Eleia reunir num grupo mais ou menos homogêneo, o daqueles que filosofam como se “contassem mitos”, gente tão diferente, vinda dos quatro cantos da Grécia, como certas “musas da Jônia e da Sicília”. É verdade que até a caricatura do próprio platonismo entra depois (248a4-249d4) nesse saco de gatos, assimilada à caricatura do eleatismo, ambos sob a pecha

de imobilismo, mas o que importa para a economia do presente texto é o fato de a personagem Sócrates permanecer fora do saco, desta vez como máscara coadjuvante quase silenciosa, ao lado de Teodoro, Teeteto e Sócrates-jovem, numa homologia tácita perfeita, do início ao fim do diálogo, com o protagonista eleata, porta-voz da boa-nova dialética, capaz enfim de superar os impasses da primeira filosofia, da qual a sofística se desentranha, aos olhos de Platão, como um corolário, expresso na máxima “tudo é verdade”.

No corpus aristotélico, por sua vez, é endêmica a presença de um título unificador dos primeiros filósofos, chamados de “físicos” ou “fisiólogos”, bem em consonância com a locução do *Fédon* acima referida. Também é verdade que ninguém que tenha filosofado antes do Aristóteles-filósofo escapa à crítica do Aristóteles-historiador, pelo que o título com sabor hegeliano “Pré-aristotélicos” pareceria, no caso, mais pertinente que “Pré-socráticos”, mas vale destacar que a crítica que Platão recebe, este pitagórico-socrático (mais que um socrático-pitagórico), é de teor bem diferente daquela desferida à quase totalidade dos demais, facilmente colocáveis no escaninho único de certo “materialismo”, à exceção exatamente dos mestres de Platão, os pitagóricos e Sócrates; tudo isso sempre, claro, a depender do contexto de cada reflexão de que, então, se ocupa o estagirita.

Em palestra recente na Universidade Federal de Minas Gerais (Belo Horizonte, 14 de abril de 2015), o professor André Laks, um dos maiores especialistas nos Pré-socráticos da atualidade, iniciou sua exposição sobre o tema exatamente pelo questionamento da expressão cunhada por Diels. Evocou o testemunho de Diógenes Laércio, em cujo catálogo de catálogos antigos, Sócrates figura como mais um filósofo no meio de tantos (I, 14), sem maiores destaques solenes, perdido na linhagem do tronco jônico sem nem tocar o tronco itálico, como discípulo de Arquelaus, ao passo que outras escolas e tradições merecem da parte do doxógrafo livros à parte destacados. De fato, o caráter de compilação e de resumo de múltiplas fontes anteriores que tem a obra de Diógenes confere-lhe o valor de bom termômetro de como a questão em tela atravessava o imaginário dos próprios antigos.

Curioso, porém, é que, excetuando um livro sobre Pitágoras e os pitagóricos (o VIII) e um sobre filósofos “esporádicos” (o XIX) todos

os outros livros que vêm depois do livro em que Sócrates aparece (o II) são dedicados a filósofos, escolas ou tradições derivados direta ou indiretamente de Sócrates, esse “introdutor da ética na filosofia”: acadêmicos (livros III e IV), peripatéticos (livro V), cínicos (livro VI), estoicos (livro VII) e epicuristas (livro X). Talvez a expressão adjetiva que nunca se cunhou, “pós-socrático”, seja menos problemática que a consagrada “pré-socrático”, mas, de qualquer modo, Sócrates, em sua modesta filosofia ágrafa, parece não se livrar do papel de divisor de águas da história da filosofia.

Até a tradição cética, inaugurada por Pirro, remonta-se facilmente a Sócrates, seja pela via histórico-biográfica (via a escola socrático-menor Megárica: Pirro foi discípulo de Bríson, filho de Estílpon, que fora discípulo de Euclides, que o fora de Sócrates), seja pela via teórica (a centralidade do reconhecimento da ignorância), de modo que as cinco grandes tradições pagãs que varam a antiguidade helenística até que o cristianismo se torne enfim hegemônico (acrescente-se a pirrônica às da Academia, do Liceu, do Jardim e do Pórtico) são todas socráticas.

O fato é que mesmo quando Diels cria o rótulo que haveria de balizar a seleção de autores, testemunhos e fragmentos constantes em sua obra magna, não são critérios cronológicos ou meramente exteriores que atuam na determinação do “pré-”. Demócrito é cronologicamente posterior a Sócrates, mas sua filosofia certamente se liga à filosofia anterior. Muito provavelmente o critério filosófico que orienta a seleção já é determinado por uma interpretação, não de qualquer Sócrates, mas do Sócrates de Platão. Pelo que no fundo a expressão de Diels aproxima-se da de Nietzsche, criada no mesmo século: Pré-platônicos.

Não é à toa que o professor Emmanuel Carneiro Leão, outro grande especialista nos Pré-socráticos, na esteira de seu mestre Heidegger, costuma em seus cursos na Universidade Federal do Rio de Janeiro diluir qualquer diferença mais relevante entre a expressão criada por Diels, a criada por Hegel acima mencionada (Pré-aristotélicos) e a criada por Nietzsche, em favor de uma noção de “pensamento originário”, aquém da medida metafísica socrático-platônico-aristotélica.

Isso sobre os Pré-socráticos.